

ENTRECRUZANDO
VOZES E OLHARES:
letramentos, avaliações
externas e cotidiano escolar

Adair Mendes Nacarato
Daniela Aparecida de Souza
Kelly Cristina Betereli
(organizadoras)

ENTRECRUZANDO
VOZES E OLHARES:
letramentos, avaliações
externas e cotidiano escolar

MERCADO®
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Entrecruzando vozes e olhares : letramentos, avaliações externas e cotidiano escolar / Adair Mendes Nacarato, Daniela Aparecida de Souza, Kelly Cristina Betereli (organizadoras) . -- Campinas, SP : Mercado de Letras, 2013.

Vários autores.

ISBN 978-85-7591-276-8

Apoio: Capes

1. Cotidiano escolar 2. Educação 3. Ensino fundamental 4. Escolas públicas 5. Gestão educacional 6. Pedagogia 7. Prática de ensino 8. Professores - Formação 9. Sala de aula - Direção I. Nacarato, Adair Mendes. II. Souza, Daniela Aparecida de. III. Betereli, Kelly Cristina.

13-07046

CDD-370.7

Índices para catálogo sistemático:

1. Letramentos, avaliações externas e cotidiano escolar : Educação 370.7

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

ESTA OBRA CONTA COM O APOIO
DA **CAPE**S PARA A SUA PUBLICAÇÃO.

*Obra em acordo com as novas
normas da ortografia portuguesa.*

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

JULHO/2013

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.

(Paulo Freire)

Dedicamos esta obra aos estudantes que participaram do projeto do Obeduc, com muito empenho, muito desejo pelo saber e muito carinho ao acolher-nos. E agradecemos também a todos os estudantes sem os quais nossa profissão não teria sentido

Aos professores Daniela, Eliana, Carlos e Camila que, além de permitirem nossa entrada em sua escola, mostraram-se pessoas dedicadas à educação e movidas pelo desejo do saber, na procura de um desenvolvimento profissional. Em nome deles, também agradecemos a todos os professores que muito têm o que dizer, mas raramente são ouvidos.

AGRADECIMENTOS

À EMEB “Prof. Benno Carlos Clans”, pela parceria, pela participação da comunidade e dos funcionários no decorrer do projeto do Obeduc.

Ao gestor da escola Carlos Eduardo Larentes, à supervisora Camila Polo da Nobrega Nardin, e a coordenadora Valeria Fabiana da Silva, pelas contribuições. Às professoras Daniela Aparecida de Souza e Eliana Rossi, por abrirem as portas das suas salas de aula e generosamente compartilharem conosco suas experiências.

Aos alunos, pela parceria, disponibilidade e envolvimento nas ações propostas, tornando-se fundamentais para a realização desse projeto.

À professora Dra. Jussara Cristina Barboza Tortella, por ter aceitado fazer o prefácio deste livro.

À Ly Penteadó pelo olhar cuidadoso na revisão dos textos que compõem este livro.

À Universidade São Francisco, por abrir espaço para que projetos como esse sejam realizados.

À Secretaria de Educação do Município de Itatiba, pela parceria e disponibilidade.

À Capes pelo apoio financeiro.

Sumário

Prefácio 11
Jussara Cristina Barboza Tortella

Apresentação 15

O projeto Obeduc: vozes e olhares sobre o
letramento-numeramento em documentos
oficiais e no cotidiano da escola 25
*Adair Mendes Nacarato, Luzia Bueno,
Márcia A. Amador Mascia e Regina Célia Grandó*

PARTE I

As vozes da escola nas escritas de si

A flor de Samuel: um olhar docente
sobre uma prática pedagógica
ressignificada na e pela convivência
da parceria universidade-escola 45
Daniela Aparecida de Souza

Parceria universidade-escola:
reflexões de uma prática pedagógica,
um olhar como professora pesquisadora
de sua própria prática, em busca de
um ensino de mais qualidade 65
Eliana Rossi

Parceria universidade-escola:
espaço de construção coletiva 79
Camila Polo da Nobrega Nardin

Reflexões sobre letramentos
na escola pública. 95
Carlos Eduardo Larentes

Das lembranças das práticas de letramento
vivenciadas à tomada de consciência do
protagonismo dos atores da escola:
as escritas de si como práticas de
(auto)formação. 109
Adair Mendes Nacarato

PARTE II

Os olhares sobre a escola a partir
das avaliações externas e das
pesquisas acadêmicas

O Letramento prescrito na matriz
de referência da Prova Brasil de
Língua Portuguesa 139
Rafaela Scaransi e Luzia Bueno

Uma análise do Enade-Pedagogia 2011
sob a perspectiva do letramento. 159
*Jerusa Rodrigues Toledo e
Márcia Aparecida Amador Mascia*

Letramentos matemáticos escolares: a resolução de problemas como prática de letramento escolar suscitada pela Provinha Brasil.	179
<i>Mariana Pellatieri e Eliana Rossi</i>	
Parceria na análise de vídeos de aulas: contribuições para aprendizagens compartilhadas em letramentos matemáticos.	207
<i>Regina Célia Grandó</i>	
A parceria universidade-escola possibilitando reflexões sobre os modelos de formação docente e as avaliações externas	229
<i>Kelly Cristina Betereli</i>	
Sobre os autores	261

Prefácio

Como iniciamos a leitura de um livro? Lembre-se, caro leitor ou leitora, das orientações de suas professoras das séries iniciais. Na escola, aprendemos que a leitura deve iniciar-se na primeira página, analisando o título, os autores, depois o prefácio e a introdução e os capítulos virão na sequência. Muitos alunos obedecem esta regra, mas alguns se atrevem a iniciar a leitura com os capítulos e, somente depois, voltam ao prefácio e à introdução.

Bem, minha sugestão é que, para a leitura desta obra, você pode agir como aqueles alunos que não obedecem às regras convencionais e voltar ao prefácio somente após o término da leitura do livro. Por quê? Provavelmente, porque, somente após essa leitura entenderá os elogios que faço ao trabalho que é relatado nesta obra, e não me julgue como alguém que apenas quer agradar os autores. Bem, mas se estiver instigado a ler o prefácio, peço que o retorne novamente após a leitura final e analise se, realmente, houve exagero em minha exposição.

Eu a classificaria como uma obra importante para docentes, gestores e pesquisadores que se propõem a com-

preender a realidade do Ensino Fundamental. Trata-se de um relato de uma proposta de caráter multidisciplinar que retrata múltiplos olhares para o letramento-numeramento nos anos iniciais dessa fase do ensino, a partir da parceria escola universidade.

Diante de um quadro de novas imposições e incertezas na esfera educacional, a comunidade escolar vê-se diante da cobrança de resultados do desempenho acadêmico que, segundo a visão dos órgãos responsáveis pela educação nacional, se refletem nas avaliações externas, tais como o Enade (Exame Nacional de Desempenho de Estudantes do curso de Pedagogia) –, Prova Brasil e SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica).

Entendo que o tema avaliação retrata também inquietações sobre o ensinar e o aprender que podem ser assim expressas: Como posso ter certeza e clareza sobre o que os alunos(as) aprenderam? Quais são os indicadores de que eles(as) realmente aprenderam? Como se desenvolvem e quais discussões são realizadas sobre avaliação na escola? O que leva uma escola, de uma mesma rede, a resultados tão diferenciados? No que as avaliações externas contribuem para a análise do processo de ensino e aprendizagem?

Essas dúvidas são carregadas de questões valorativas, relacionadas com diferentes concepções, formas de compreender o mundo. Certamente, para responder a essas questões, as pessoas trazem as experiências vividas enquanto alunos e a troca com os profissionais da área. É com este “pano de fundo” que os artigos presentes nesta obra discutem uma determinada realidade educacional.

Este livro mostra, claramente, um trabalho colaborativo entre docentes pesquisadores e mestrandos da universidade e docentes da Escola Básica na busca da compreensão de várias facetas da avaliação, relacionadas com o letramento e numeramento, dentre elas as concepções dos docentes acerca da temática, e a coerência ou contraposição entre o que se espera do professor e do aluno e o que é efetivado nas avaliações.

Não é uma tarefa fácil analisar tais aspectos e muito menos encontrar um espaço escolar que “acolha” a ideia de se debruçar e refletir sobre suas inquietações, suas dificuldades e potencialidades.

Este livro ainda vai mais longe, pois traz de uma forma muito contundente a tão divulgada e, de certa forma desgastada e questionada, relação entre teoria e prática. É tão interessante verificar que, com uma linguagem clara e simples, as autoras demonstram como realizar esta tarefa considerada tão difícil, a partir de um trabalho dialógico entre a universidade e a escola de Ensino Fundamental.

As situações apresentadas nos diferentes capítulos não se limitam a descrições. Preocupam-se, igualmente, com a intervenção. Ao repensar, de maneira crítica sobre o processo avaliativo a partir da análise e interpretação de documentos e provas oficiais, observam-se as ressignificações nas práticas dos professores que participaram da proposta de pesquisa, oriunda de um projeto do Observatório da Educação (Obeduc).

Este texto permite ao leitor vivenciar relatos preciosos de um trabalho colaborativo em que professores universitários e do Ensino Fundamental organizaram momentos para uma discussão dialógica das práticas avaliativas.

vas, dos procedimentos didáticos e planejamento de atividades a serem desenvolvidas com os alunos.

Os relatos mostram a real valorização do trabalho docente, demonstrando a potencialidade da produção de conhecimentos e de pesquisa dos professores da escola pública.

Bem, quem sai ganhando com esta experiência? Com certeza, toda a comunidade escolar, mas principalmente o aluno a quem os responsáveis pela educação, devem dedicar todos os seus esforços.

Percebem agora, caros leitores, porque sugeri primeiramente a leitura dos capítulos?

Que esta obra seja acolhida por pessoas que realmente se envolvem com a prática docente e, em especial, pelos professores que trabalham, efetivamente, na busca da educação integral dos seus alunos.

Jussara Cristina Barboza Tortella
Programa de Pós-Graduação em Educação
PUC-Campinas

Apresentação

Pode parecer tranquila a apresentação de uma obra, quando dela se faz parte. No entanto, tal posição nem sempre é confortável, pois sabemos da responsabilidade que nos cabe ao tentar apresentar as ideias dos autores que, conosco, compartilharam saberes e experiências ao longo de dois anos e meio. Como ser fiel às ideias de cada autor, sem expressar nossas opiniões sobre as escritas e reflexões em cada capítulo, decorrentes das diferentes trajetórias profissionais e dos múltiplos olhares? Tentamos enfrentar esse desafio.

Antes de nos reportarmos aos diferentes capítulos da obra, optamos por descrever o contexto da pesquisa que originou este livro.

Esta obra é resultado de um intenso trabalho de estudos, reflexões, análises de documentos oficiais e de práticas. Ela é o produto de um projeto coletivo de pesquisa intitulado “Parceria universidade-escola: múltiplos olhares para o letramento – numeramento nos anos iniciais do ensino fundamental”, desenvolvido no âmbito do Observatório da Educação (Obeduc), no período de janeiro/2011

a junho/2013, com apoio financeiro da Capes (Projeto 03/2010).

A pesquisa foi desenvolvida numa parceria da Universidade São Francisco (USF), através do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, e da Emeb Prof. Benno Carlos Claus, do município de Itatiba/SP. Ela envolveu quatro professores da escola parceira (duas professoras em sala de aula e dois gestores), quatro mestrandas e quatro docentes da USF, de duas linhas de pesquisa: linguagem, discurso e práticas educativas e matemática, cultura e práticas pedagógicas.

O Programa Observatório da Educação, resultado da parceria entre a Capes, o Inep e a Secadi, foi instituído em 2006, com o objetivo de fomentar estudos e pesquisas em educação, que utilizem a infraestrutura disponível das Instituições de Educação Superior – IES e as bases de dados existentes no Inep. O Programa visa, principalmente, proporcionar a articulação entre pós-graduação, licenciaturas e escolas de Educação Básica e estimular a produção acadêmica e a formação de recursos pós-graduados, em nível de mestrado e doutorado.

A pesquisa teve como objetivo articular a formação centrada na escola, por meio da constituição de uma comunidade investigativa, com a análise do perfil de professor idealizado nos documentos prescritivos veiculados pelas políticas públicas, em especial as de avaliação, e o professor que atua na escola pública. Tomaram-se como eixo de problematização as práticas de letramento nos anos iniciais do Ensino Fundamental, em suas múltiplas vozes.

Embora tenhamos ficado com a tarefa de organizar a obra, o projeto todo foi minuciosamente discutido e

planejado por toda a equipe: qual seria o recorte que cada autor traria para compor o livro; as partes constituintes da obra e a sequência dos capítulos, de forma que o projeto em sua totalidade fosse contemplado, possibilitando ao leitor uma compreensão dos diferentes subprojetos que ali desenvolvidos.

Visando apresentar ao leitor os desdobramentos que a pesquisa possibilitou, as proponentes do projeto expõem no primeiro capítulo, intitulado “O projeto Obeduc: vozes e olhares sobre o letramento-numeramento em documentos oficiais e no cotidiano da escola”, o contexto da pesquisa. Nele as autoras Adair Mendes Nacarato; Luzia Bueno; Márcia Aparecida Amador Mascia; e Regina Célia Grandó mostram os principais resultados dos cinco subprojetos que foram desenvolvidos articuladamente com o foco central da pesquisa: “O letramento na Prova Brasil”; “Letramentos e gêneros textuais”; “Letramentos matemáticos escolares e a resolução de problemas por alunos do 2º e 3º ano do Ensino Fundamental”; “A parceria universidade-escola como espaço para formação continuada” e “As concepções de sujeito e letramento nas avaliações externas”.

Os demais capítulos foram organizados em duas partes. Os critérios que nortearam a nossa decisão foram: apresentar inicialmente os professores e suas escritas, uma vez que, desde o início do trabalho, o objetivo maior sempre foi o de dar voz e ouvir os professores, atribuindo-lhes o papel de protagonistas do cotidiano escolar e produtores de saberes. Assim, na primeira parte estão as narrativas dos professores e, na segunda, os textos decorrentes das pesquisas que foram realizadas em cada um dos subprojetos.

Dessa forma, o título escolhido para a primeira parte *As vozes da escola nas escritas de si* decorre do conteúdo dos textos que a compõem: as ‘escritas de si’, dos professores. Essa parte é composta de cinco capítulos: as narrativas dos quatro professores e um texto de Adair Mendes Nacarato trazendo, do ponto de vista da pesquisa e das práticas de formação a importância dessas escritas de si.

Muito se tem falado sobre dar voz ao professor e, em menor proporção, sobre ouvir o professor. Há que questionar, como o professor Carlos, autor de um dos capítulos dessa primeira parte, o faz: ouvir o professor para quê? Para continuarmos impondo nossas formas de pensar? Nossos resultados de pesquisa como sendo as melhores propostas para as práticas escolares? Para fazê-los aceitar os resultados das avaliações externas que continuam culpabilizando-os pelos fracassos dos alunos?

Desde o início do projeto, tínhamos a intencionalidade de trazer as vozes daqueles que fazem o dia a dia da escola, como forma de legitimá-las e valorizar aquilo que o professor tem a dizer, seja para os pesquisadores, seja para as políticas públicas. Nessa perspectiva, as escritas de si constituem instrumentos que não apenas potencializam os processos reflexivos dos seus autores, como também expõem seus sentimentos, angústias, decepções, conquistas, avanços, aprendizagens. Ou, até mesmo, como forma de resistência ao conjunto de prescrições que chegam até às escolas, desconsiderando as diferentes culturas que habitam cada uma delas.

Assim, os professores, em suas ‘escritas de si’, trazem suas reflexões do processo vivido. Nesse movimento de lembrar o passado – quer como estudantes, quer como profissionais – no presente, como espaço/tempo de re-

flexão, eles projetam-se para um futuro, sem perderem o compromisso de uma educação pública de qualidade para os alunos.

O texto de Daniela Aparecida de Souza, “A flor de Samuel: um olhar docente sobre uma prática pedagógica ressignificada na e pela convivência da parceria universidade escola” abre as ‘escritas de si’. Nele a autora traz, sob seu olhar de professora de escola pública, os efeitos da parceria universidade e escola. Narra sua trajetória estudiantil e profissional e, na busca de uma compreensão da articulação entre teoria e prática educacional, ela reflete sobre prática docente ressignificada, os conflitos e desafios de uma parceria e a importância do trabalho colaborativo entre pesquisadores universitários e o professor em sala de aula.

Na continuidade dessas ‘escritas de si’, Eliana Rossi, no texto “Parceria universidade-escola: reflexões de uma prática pedagógica, um olhar como professora pesquisadora de sua própria prática, em busca de um ensino de mais qualidade”, ela descreve sua participação no projeto do Obeduc, os desafios enfrentados frente às avaliações externas, suas implicações para a realidade escolar e quais as tomadas de decisões e ações nas dimensões do processo de ensino e de aprendizagem dos alunos. Descreve, também, o seu amadurecimento profissional, e a crença nas reais possibilidades de assumir o papel de professora pesquisadora de sua prática.

Camila Polo da Nobrega Nardin, no capítulo “Parceria universidade-escola: espaço de construção coletiva” narra sua trajetória profissional, passando de professora à coordenadora da EMEB Prof. Benno Carlos Claus e, finalmente, à Supervisora da rede municipal de Itatiba. Ao

viver a experiência de participar de um projeto que tem como foco as práticas de letramento e as avaliações externas, ela reflete sobre sua formação e sua posição como gestora. Analisa os conflitos que vivencia no seu cotidiano escolar e as possibilidades de ajuda aos professores das escolas nas quais atua. Tem um olhar singular para as avaliações externas, apontando seus pontos positivos e os negativos.

Encerrando as escritas de si dos professores, Carlos Eduardo Larentes em seu texto “Reflexões sobre letramentos na escola pública”, numa visão bastante crítica, traz reflexões e questionamentos sobre métodos de alfabetização e letramento, bem como comentários sobre a valorização da opinião de quem está inserido diretamente em sala de aula, trabalhando como professor alfabetizador e seus resultados. Suas reflexões ancoram-se em sua trajetória profissional como professor e diretor de escola, desafiando-nos para que haja um diálogo mais profícuo dos acadêmicos com os atores escolares.

O último capítulo dessa primeira parte traz as reflexões de Adair Mendes Nacarato, no texto “Das lembranças das práticas de letramento vivenciadas à tomada de consciência do protagonismo dos atores da escola: as escritas de si como práticas de (auto)formação”. Nele, a autora discute as ‘escritas de si’ como instrumentos de (auto)formação docente. Apoiando-se nessas escritas dos quatro professores, em diferentes momentos ao longo da pesquisa e no texto produzido para este livro, ela analisa as práticas de letramento na língua materna e em Matemática, vivenciadas e praticadas por esses docentes. Evidencia a tomada de consciência que essas escritas possibilitaram a

cada um desses professores, que se assumem como sujeitos da experiência.

A segunda parte do livro, *Os olhares sobre a escola a partir das avaliações externas e das pesquisas acadêmicas*, como o próprio título sugere, traz cinco capítulos que apresentam os resultados da pesquisa, de um ponto de vista acadêmico. A sequência dos capítulos visa mostrar o movimento ocorrido no projeto: nossas sínteses sobre letramentos, a análise dos documentos relativos às avaliações externas (Prova Brasil, Enade/Pedagogia), o letramento matemático e as aprendizagens compartilhadas na parceria estabelecida.

O capítulo de Rafaela Scaransi e Luzia Bueno, “O letramento prescrito na matriz de referência da Prova Brasil de Língua Portuguesa”, analisa as concepções de letramentos que embasam a Prova Brasil, uma das avaliações externas brasileiras. Para essa reflexão, as autoras partem da análise da Matriz de Referência da Avaliação de Língua Portuguesa, referente ao 5º ano do Ensino Fundamental, uma vez que esse documento pode orientar as ações docentes e afetar diretamente a formação, tanto do professor quanto do aluno, gerando, dessa forma, profundas consequências na Educação Básica brasileira.

Jerusa Rodrigues Toledo e Márcia Aparecida Amador Mascia, no capítulo “Uma análise do Enade-Pedagogia 2011, sob a perspectiva do letramento”, lançam um olhar problematizador para o discurso do Enade-Pedagogia 2011, revelando a trama discursiva no que tange à questão do letramento. Os resultados da análise apontam para um paradoxo na elaboração da prova. A prova transita entre o letramento ideológico e o autônomo. A concepção esperada de letramento do sujeito-professor-pedagogo é o ideológico, devido à variedade de gêneros de textos; no en-

tanto, devido às respostas esperadas, aos tipos de questões (maioria testes) e a maneira como os enunciados foram formulados, conforme exemplificado na análise, verifica-se que o leitor esperado é o idealizado, o sujeito “homogêneo” e igual a todos, típico do letramento autônomo.

No capítulo “Letramentos matemáticos escolares: a resolução de problemas como prática de letramento escolar suscitada pela Provinha Brasil”, Mariana Pellatieri e Eliana Rossi trazem uma discussão sobre as concepções teóricas de letramento, letramento escolar e letramento matemático escolar, buscando subsídios teóricos para a busca e compreensão dos indícios de letramentos matemáticos escolares. Trazem, também, uma discussão acerca das concepções de letramentos matemáticos escolares, presentes nas avaliações externas, com foco na análise da Provinha Brasil de Matemática, 2011.

Regina Célia Grando, no capítulo “Parceria na análise de vídeos de aulas: contribuições para aprendizagens compartilhadas em letramentos matemáticos”, discute o processo de análise compartilhada de vídeos de aulas de Matemática produzidos no 2º ano do Ensino Fundamental pela professora Eliana, na parceria estabelecida entre a autora, sua orientanda de mestrado e a professora. As tarefas desenvolvidas nas aulas videogravadas e analisadas colaborativamente diziam respeito a situações envolvendo a resolução de problemas e a problematização em jogos. O processo de análise dos vídeos de aulas possibilitou aprendizagens compartilhadas pelas três participantes sobre letramentos matemáticos escolares e a cultura de aula de Matemática no ciclo de alfabetização. A autora evidencia que o trabalho em parceria com os professores da Escola Básica representa, sem dúvida, a possibilidade de aprendi-

zagens recíprocas. Essa parceria possibilita a constituição de comunidades investigativas, em que os envolvidos podem questionar, problematizar, investigar e refletir sobre as práticas escolares conjuntamente.

O último capítulo, “A parceria universidade-escola possibilitando reflexões sobre os modelos de formação docente e as avaliações externas”, de Kelly Cristina Beterli discute e analisa os modelos de formação continuada: racionalidade técnica, racionalidade prática e racionalidade crítica, bem como as avaliações externas e suas implicações para as práticas docentes. O texto tece as vozes dos autores e dos quatro professores parceiros, participantes do projeto Obeduc: Daniela, Eliana, Carlos e Camila. Ao trazer excertos das trajetórias de formação desses professores, o texto traz evidências de como foi o processo de formação e de constituição profissional desses professores, o quanto eles se ressentem das políticas públicas, principalmente as de avaliação. O texto se encerra apontando para as potencialidades da parceria universidade-escola como espaço de formação continuada.

Trabalhos de parceria, como este que desenvolvemos, proporcionam aprendizagens recíprocas a todos os participantes. Os professores da escola se tornaram mais críticos e conscientes de seu papel social, tomando a pesquisa como eixo da sua prática e, ao mesmo, tornando-se consumidores críticos do conjunto de prescrições que chegam até às escolas. As mestrandas, embora também professoras da Escola Básica, puderam ter o afastamento necessário para um olhar mais analítico e crítico para o cotidiano escolar, além das aprendizagens com os professores parceiros. As professoras da Universidade puderam conhecer a complexidade da escola pública e o quanto é

possível aprender com os professores, sobre suas práticas e sobre a viabilidade do que é possível ou não de ser realizado nessa emaranhada trama chamada cotidiano escolar.

Esperamos que esta obra possa contribuir para o debate que envolve as questões relacionadas aos letramentos e às avaliações externas. As narrativas e reflexões contidas em cada capítulo sinalizam para a necessidade de que aqueles que fazem a escola funcionar, de fato, sejam ouvidos. Eles têm muito que dizer. Basta dar-lhes voz e permitir-se ouvi-los.

As organizadoras